VINHAIS

Doc 9 pag 1

D. Garcia

Chorosa vai a Silvana
pelas serras da Ungria,
foi cativada dos mouros
dia de páscoa florida,
e duzentos perros mouros
vão na sua companhia,
guitarra leva na mão
mas tocá-la não podia,
no romance vai dizendo:
« valei-me aqui D. Garcia;
se me não valeis agora
não me valerás outro dia. »
O marido veio da caça
como de costume tinha;
puseram-lhe de comer
como de costume havia;
serviu-o a mãi à mesa
o que nunca ela fazia.
D. Garcia suspeitoso,
por não saber o que havia.
— ¿ Que é isto, minha mãi,
que isto está em demasia,
minha espôsa não a vejo,
o que é qu'ela teria?
— Tua espôsa, meu filho,
cativada ela ia,
com duzentos perros mouros
vão em sua companhia;
ela vai tôda contente
com muito grande alegria,
guitarra leva na mão
muito bem que a cingia,
e no romance vai dizendo:
« morra, morra, D. Garcia. »

pag 2

— Isso não é, minha mãi,
minha espôsa não dizia.
porque era o haver dos meus olhos
a quem eu tanto le queria,
não me desejava a morte,
nem êsse poder havia;
mas eu já vou, minha mãi,
tomar uma nova guia,
procurar-lo à mãi dela
que a verdade me dizia,
porque entre sogras e noras
sempre há uma covardia.
Correu todo apressado
e p'ra casa da sogra ia.
— Diga-me aqui, minha mãi,
diga pela sua vida:
¿ onde está minha espôsa,
e sua filha querida?
— Tua espôsa aí vai,
por essa serra da Ungria,
e duzentos perros mouros
vão em sua companhia,
guitarra leva na mão,
mas tocá-la não podia,
no romance vai dizendo:
« valei-me aqui D. Garcia,
espôso da minha vida
a quem eu tanto queria,
se me não valereis hoje,
não me valeis outro dia. »
Êle correu a tôda a pressa
pelas serras da Ungria,
avistou-os muito longe,
mas ela ainda mais corria.
Desceu pela serra abaixo
o mais depressa que podia,

e lá no fundo da serra
um grande rio havia
donde êles não passavam
porque o rio os impedia.
Puseram-se a descansar
aonde a água corria;
a mulher que o avistou
bem contente ficaria,
virou p'ró chefe dêles
estas palavras dizia:
— Cavaleiro que além vem
uma pinga boberia.
— Ah! se êle era o teu marido,
de boamente se le daria.
A mulher baixou o rosto
desfarçou quanto podia;
— Êle meu marido não era,
qu'eu solteirinha seria.
— Ah! mas se êle era teu pai,
de boamente se le daria.
— Pois êle meu pai não era
qu'eu orfãzinha seria,
fiquei só de pequenina
e eu a ninguém conhecia.
— Se era algum teu parente,
de boamente se le daria.
— Eu não tenho pai nem mãi
nem parentes conhecia.
O chefe ficou contente
com o que a senhora dizia,
o cavaleiro chegava
que a mulher conhecia.
Deus los guarde, senhores,
Deus los queira guardar.
— ¿ Donde era o cavaleiro
tão cortês no falar?

pcg 4

— Eu sou mouro da Mourama
e p'ra lá vou caminhar.
— Se tu és mouro da Mourama,
ninha nos hás-de passar.
— Uma ninha desonrada
em meu cavalo não ia.
— A ninha se honrada estava
a ninha honrada vinha,
que a levamos de regalo
ó nosso rei da Turquia.
Passa-nos tu, ó mourinho,
passa-nos pela tua vida,
que o rio é muito grande
e a água nos impedia,
se não levamos a ninha,
a vida nos custaria.
Passara-os um a um
p'rá outra banda do rio,
quando êle voltava atrás
a espôsa se sorria;
êle desfarçava o que pôde
e a mulher o que podia.
Passou-os todos em grupo
p'rá outra banda do rio,
nenhum dêles ficava atrás
que isso era o que êle qu'ria;
desde que os passou a todos
o chefe lhe respondia:
— Mourinho de boa sorte,
peço-te por tua vida
que voltes atrás buscar
a senhora que o ouvia,
e que não tenha desastre
na veia da água fria,
que é o nosso resgate,
peço-te por tua vida.

O cavaleiro voltando
muito bem que se sorria
veio ó pé de sua espôsa
estas palavras dizia:
-Minha espôsa e cara amiga.
muito bem t'eu defendia:
O chefe do outro lado
fazia-lhe gritaria:
-¡Passa-nos cá, ó mourinho,
¡passa-nos a cristianinha!
-¡Não vo-la posso passar
porque era espôsa minha!
-¡Passa-nos cá os vestidos
¡para resgate da vida!
- ¡Vestidos não vo-los passo,
¡que os vestidos são da minha!
Montou-a no seu cavalo
p'ra trás com ela volvia.
-Espôsa da minha ~~alm~~ vida
ainda te vim resgatar
os mouros foram-se embora
não cessavam de gritar



D. Garcia

DOC 10

F.do C de Vinhais J, 199

DOC 11

La esposa de Don García -

Rev. Lusit. VIII p. 74 - .

Eu hei de casar com ella;
Se ella é de gente baixa,
Ha de ser minha manceba.
Caçador que vaes á caça,
Caça-me aquella manceba.
—Se m'a vós mandais caçar,
Eu ficarei a par d'ella.
—Pois tu que lhe queres tanto,
Porventura tens com ella...
—Morreu lhe seu pae ha pouco,
E eu ficava tutor d'ella!

(Vinhaes).

8. O Seginebra

Navegava o Seginebra,
Vespera de Nossa Senhora,
Pensando de navegar
O dia e a noite toda.
Indo no meio da *navega*,
O navio cahiu á onda.
—Valei-me aqui, ó Virgem,
O' Virgem Nossa Senhora!
Uma vez que me valestes,
D'ouro vos dei uma c'rôa;
Agora, se me valerdes,
D'ouro vos vestirei toda.

As palavras não eram ditas,
O navio sahiu da onda:
—Louvada seja a Virgem,
A Virgem Nossa Senhora!
Quantos milagres tem feito,
O maior foi o d'agora!
—Quando vos vêdes em pressa,
Chamaes-me nobre Senhora;
Quando vos não vêdes nellas
Chamaes-me perra traidora!

(Vinhaes).

9. O Galfeiro

Sentado estava Galfeiro
Em taboleiro real;
As cartas tinha na mão,
Os dados 'stá p'ra jogar.
—Sentado tu 'stás, Galfeiro,
Em taboleiro real;
Tua mulher entre os Mouros,
Sem a ires resgatar!
—Tres annos a *prècurei* por terra,
Outros tres annos por mar;
Ha seis annos que a busco
Sem a poder encontrar!
—Pois ella está em Salsellas,
Lá em palacio real!
Minhas armas meu cavallo
Tenho p'ra te acompanhar;
Meu dinheiro, minha força,
Se a queres ir buscar.
—Pois eu tambem tenho dinheiro,
Forças e ó meu cavallo:
Então irei só eu,
Para não dar tanto abalo.

Chegou á borda da praça,
Encontrou a sentinella:
—Dize-me tu, ó sentinella,
Por onde posso passar,
Para vêr a Melisende
Que está em palacio real.
—Vá por esta rua direita
Ter ao palacio real.

Chegou á borda do palacio
Tratou de examinar:
Logo viu a Melisende
Lá em palacio real
C'um pente d'ouro na mão;
Estava para se pentear:
—Desce cá, ó Melisende,
Que tenho que te fallar.

Pegara-lhe pela mão
Pusera-a no cavalgar:
—Olha que a vêdes ir,
Não *na* vereis cá voltar!

(Vinhaes).

10. D. Garcia

Eu montei no meu cavallo
Por aquella serra acima;
Pois a neve era mui grande,

Minha esposa vae perdida:
—Visteis por aqui, minha mãe,
A minha esposa linda?
—A tua esposa ahi vae,
Mui contente que ella ia!
Tocando numa guitarra,
Bom romance lhe fazia,
Com duzentos perros mouros...
Vão na sua companhia...
No romance vão dizendo:
«Morra, morra D. Garcia».
—Valha-me Deus, minha mãe,
Ella isso não dizia.
Vou saber da minha sogra
Que ella isso não diria.

—Vistes por aqui, minha sogra,
A minha esposa tão linda?
—A tua esposa ahi vae,
Mui triste que ella ia,
Tocando numa guitarra
Com duzentos perros mouros
Que vão na sua companhia;
No romance ia dizendo:
«Vale aqui, D. Garcia!
Se me não vales agora,
Não me vales outro dia».
—Adeus, adeus, minha sogra,
Que eu a valer-lhe já ia!

Chegou *ó* meio da serra,
Vira ir a D. Garcia:
—Descansa aqui, ó Mouro,
Que eu cansadinha já ia;
Tomaremos um taquinho,
Beberemos uma pinguinha;
Cavalleiro que alem vem
Elle para a Mouraria iria.
—Se elle era teu pae,
De beber se lhe daria!
—Elle meu pae não é,
Que eu pae já o não tinha.
—Pois se elle era teu irmão,
De beber se lhe daria!
—Pois elle meu irmão não é,
Que eu irmão já o não tinha.
—Pois se elle era teu marido,
De beber se lhe daria.
—Meu marido não é,
Que eu inda não o tinha.

—Deus os guarde, senhores;
Deus os queira guardar!
—D'onde era *lo* senhor,
Que é tão cortês no fallar?
—Sou Mouro da Mourama,
Pr'a lá vou a caminhar.
—Se é Mouro da Mourama,
Hade levar esta *ninha*
Que levamos d'esposa
O' nosso rei da Turquia.
—Menina que não tem honra
No meu cavallo não ia,
Pois de beijos e abraços
Que voltas já levaria?
—Pois, se a tinha, inda a tem,
Ninguem lh'a tiraria,
Pois levamol-a d'esposa
O' nosso rei da Turquia.

Pega[ra] lhe pela mão,
Sobre o cavallo a poria;
Os Mourinhos mar abaixo
E *los* Christianos mar acima.
—Torna nos cá, cavalleiro,
Torna-nos a nossa *ninha*,
Que a levamos d'esposa
O' nosso rei da Turquia!
—Dizei lá *ó* vosso rei
Que a *ninha* que era minha;
Que me pretencia a mim,
E não *ó* rei da Turquia.
—Torna-nos cá os vestidos,
Que já comprámos á *ninha*.
—Os vestidos não são vossos,
Os vestidos são da *ninha*.

(VIMIOSO).

11. A Serrana

Naquella serrinha alta,
Naquella mais alta serra,
.... lá uma serrana
Formosa e ganadeira.

La esposa de D. García

Abelardo Murias, 5o añosM' CERDEIRA (Lugo)

[1]

Dec 12 pg 1

Don García va a la caza, la caza cómo sería,
y a Don García le han dicho que su mujer va cautiva.
Y echara para la cuadra donde caballos tenía
y escogiera uno de ellos, aquel que más corría.
--Andes, andes, mi caballo, guíete Santa María
hasta llegar a la puerta donde mi madre vivía,
que ella si sabe verdad ella no la negaría.
Buenos dias, ¡ay, mi madre! --Bien venido, ¡ay, Don García!
--¿Vería por aquí pasar a Francisca esposa mía?
--Por aquí la vi pasar tres horas antes del día,
vestida de colorado una reina parecía,
anillos de oro en las manos, de alegría os abranguía,
cada pasada que daba: "Cornudo sea Don García".
--Andes, andes, mi caballo, guíete Santa María,
hasta llegar a la puerta donde mi suegra vivía

que ella si sabe verdad ella no la negaría.
--Buenos dias, ¡ay, mi suegra! --Bien venido, Don García.
--¿Vería por aquí pasar a su hija esposa mía?
--Por aquí la vi pasar tres horas antes del día
Vestida de luto iba que viuda parecía,
anillos de oro en la mano de tristura os abranguía,
cada pasada que daba: "Valme, valme, ¡ay, Don García!"
--Andes, andes, mi caballo, guíete Santa María,
A la salida de un monte, a la entrada de una ria
se ponen a merendar y él a tocar la bocina.
--Escanciador que escancias vino escancia con cortesía,
dejarás un vasadito para quien toca bocina.
--Dejo uno y dejo dos y cuatro si se ofrecía,
no siendo hermano tuyo ni tu esposo Don García.
--Irmao no tengo ninguno y esposa no conocía;
yo siempre fui compasible dos que andan en montería.
--¿A dónde va el cristianillo, a dónde va, a dónde iba?

12 pág 3

--A Santiago de Galicia, camino para Turquía
--Coma y beba el cristianillo que nada le costaría,
y que nos pase esta niña al otro lado da ría.
--Pasen, pasem l.s morillos que 'o atrás la pasaría;
mi caballo tiene zuna, quitársela no podía;
mujer que no tenga virgo a ninguna consentía.
--Si lo tenía en su tierra aquí también lo tenía.
La cogió por la cintura y al caballo la subía.
Le echaron perros y galgos y alcanzarlos no podían.
--La niña te va preñada de toda la morería.
--Que vaya que deje de ir qué cuidado les daría;
si lleva un hijo de un moro yo bautizo le daría.

1920

~~Forn~~
A. Otero

Galicia DOC 13 pág 1 NO Abelardo Meirás, 50 años, de Cerdeira (Fonsagrada) Lugo. [1 hrs]

Don García se va a la caza, la caza cómo sería!
a don García se lo han dicho que su mujer va cautiva.
Y echara para la cuadra donde caballo tenía,
y escogiera uno de ellos aquél que más corría.
— Andes, andes, mi caballo, guíete Santa María,
hasta llegar a la puerta donde mi madre vivía,
que ella, se sabe verdá, ella no la negaría.
Buenos días, ay, mi madre, — Bien venido, ay, don García. —
— Vería por aquí pasar a Francisca esposa mía?
— Por aquí la vi pasar tres horas antes del día.
Vestida de colorado, una reina parecía,
anillos de oro en la mano de alegría los ~~xxx~~ abanguía,
cada parada que daba: « Cornudo era don García. »

B pag 2

—Andes, andes, mi caballo, quiete Santa María,
hasta llegar a la puerta donde mi suegra vivía,
que ella, se sabe verdá, ella no la negaría.
Buenos días, ay, mi suegra. —Bienvenido don García.—
—¿Vería por aquí pasar a su hija, esposa mía?
—Por aquí la vi pasar tres horas antes del día.
Vestida de luto iba, que viuda parecía,
anillos de oro en la mano, de tristeza los abanquía,
cada parada que daba: «Valme, valme, don García.» —
—Andes, andes, mi caballo, quiete Santa María.—
A la salida de un monte, a la entrada de una ría,
se ponen a merendar y él a tocar la bocina.
—Escanciador que escancias vino, escancia con cortesía;
dejarás un vasadito para quien toca bocina.—

B pág 3.

—Dejo uno y dejo dos y cuatro si se ofrecía,
no siendo hermano tuyo ni tu esposo don García.—
—Hermano no tengo ninguno y esposo no conocía,
yo siempre fui compacible dos que andan en montería.—
—A dónde va el cristianillo, a dónde va a dónde iba?—
—A Santiago de Galicia, camino para Turquía.—
—Coma y beba el cristianillo, que nada le costaría.
Que nos pase esta niña al otro lado da ría.—
—Paren, paren los morillos, que 'o atrás la pasaría.
Mi caballo tiene runa, quitársela no podía,
mujer que no tenga virgo a ninguna consentía.—
—Si lo tenía en su tierra, aquí también lo tenía.—
La cogió por la cintura y al caballo la subía
Le echaron perros y galgos y alcanzarlos no podían.
—La niña te va preñada de toda la morería.—
—Que vaya, que deje de ir, ¿qué cuidado le daría?
—Si lleva un hijo de un moro yo bautizo le daría.—

Torner 1929

Doc 14 pg 1

[2]

Don Garcia

Dios le guarde á V. mi madre
bien venido D. Garcia
A preguntarle vengo madre
a preguntarle venia
si por aqui vió pasar
á mi esposa Magdalenita
Esa traidora, mi hijo,
bien acompañada iba
con trescientos de los Moros
muy contenta se iba
Bestida va de oro
calzada de plata fina
mantilla de oro llevaba
y muy bien que la cubria
bocina llevaba de oro
y muy bien que la tañia
El mas chiquitin de los moros
de amores la pretendia.
[Vuelta, vuelta, mi caballo,
esta verdad no seria
entre suegros y nueras
nunca bien se llevarian;
[iremos junto á mi suegra
y la verdad me diria.
Dios la guarde á V. mi suegra
bien venido Don Garcia

A preguntar vengo suegra
á preguntarle venia
si por aqui vió pasar
á mi esposa Magdalenita.
Por aqui pasó de noche
que nunca yo la pasira
con tres cientos moros
que la llevaban cautiva.
Bestida iba de nieve
calzada de helada fria,
mantilla llevaba de oro
de pesar no la cubria
bocina tenia de oro
de pena no la tañia
y el romance que llevaba
viva el Conde D. Garcia.
Vuelta vuelta mi caballo
esta verdad te seria:
Si me cogieras los Moros
largas tierras adonde iban
si mucha cebada te daba
mucha mas te daria.
Llegado á Sierra Morena
tocara su bocina ~~la oyera~~
la oyera su esposa
largas tierras adonde iba.
Siéntense señores Moros
yo muy cantadiña iba,
Desde que todos sentados
ricas merendas hacian.
Escanciador que escancia el vino

14 pcs 3

escanciador de cada dia
guárdame un vaso de vino
para el que en el camino venia.
Si es tu hermano cuatro se le guardarian
si tu marido á su mandar lo tenia
Yo hermanos no los tengo
marido no lo conocia,
siempre tuve mucho duelo
del que en el camino venia,
estando en estas razones
llega el Conde Don Garcia.
Dios guarde á los Moros
con toda su compañia.
bienvenido caballero
con toda su cortesia.
Estávamos en la pelea
estavamos en la porfia
quien ha de pasar la dama
quien ha de pasar la niña,
pásela V. Caballero
que honra nuestra seria (1)
Muger que venga sin honra
á mi caballo no iria

---

(1) Los Moros estaban á orillas de un rio caudaloso, por el cual tenian que pasar á caballo por no tener puente, ofreciendo á D. Garcia la honra de pasar la niña, pues ellos todos se encontraban con derecho á pasarla.

mi caballo es muy bravo
mujeres no consentía.
Ella si con honra estaba (los Moros)
ella con honra estaría
nosotros la encontramos
en esos campos de Sevilla.
Pásense Vdes delante (dijo D. García)
seré la postrera guía.
desde que todos pasaron
grande traición les hacía.
Quedaos con Dios los moros
que la dama es muy mía.
Ay que nos lleva la dama
ay que nos lleva la niña
Ay que nos lleva la dama
pa llevarnos nuestros ropiñas
Ella en besos y abrazos (D. García)
bastante pagaría.
de eso quedamos quejosos (Moros)
que nada se le había pedido.

Fin. Castelo de Frades, Navia de Suarna (Lugo)

Valdobinos.

Mes de Mayo, mes de Mayo
mes de grande calor
cuando la paja cría el grano
y el vino andaba en flor.